REVISTA DIGITAL ACADÊMICO MUNDO

A CONTRIBUIÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE CONTRIBUTION OF INCLUSIVE BODY PRACTICES TO THE SOCIAL DEVELOPMENT OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

LA CONTRIBUCIÓN DE LAS PRÁCTICAS CORPORALES INCLUSIVAS AL DESARROLLO SOCIAL DE LOS NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

10.56238/ramv20n16-010

Gabriel Antônio Rodrigues Ferreira
Graduando Educação Física
Instituição: Metropolitana de Ensino (IME), Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

Maria Helena de Sales Ferreira
Orientadora profa. Esp.
Instituição: Metropolitana de Ensino (IME), Centro Universitário CEUNI - FAMETRO

RESUMO
Este estudo analisou a contribuição da Educação Física, por meio dos jogos cooperativos, para a socialização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no município de Nova Olinda do Norte – AM. Os resultados demonstram que a inclusão desses alunos já é uma realidade nas escolas investigadas, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que garantam não apenas o acesso, mas também a participação efetiva no ambiente escolar. Verificou-se que os jogos cooperativos são frequentemente utilizados pelos professores de Educação Física, sendo reconhecidos como uma estratégia com potencial inclusivo. Essas práticas favorecem a interação social, o desenvolvimento da comunicação, o trabalho em equipe e o fortalecimento da autoconfiança dos alunos com TEA, contribuindo significativamente para sua socialização. Nesse contexto, a Educação Física destaca-se como um espaço relevante para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Entretanto, a pesquisa também identificou desafios, como a necessidade de maior sistematização no uso dos jogos cooperativos, a carência de formação continuada específica para os professores e as limitações estruturais das escolas, especialmente em regiões do interior amazônico. Observou- se ainda que a adaptação das atividades nem sempre ocorre de forma contínua, o que pode comprometer a efetividade das práticas inclusivas. Destaca-se o papel fundamental do professor como mediador, responsável por planejar, adaptar e conduzir as atividades, garantindo a participação de todos. Conclui-se que os jogos cooperativos são uma estratégia relevante para a inclusão, cuja eficácia depende do planejamento pedagógico, da formação docente e do compromisso coletivo com uma educação mais inclusiva.

Palavras-chave: Educação Física. Jogos Cooperativos. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Socialização. Séries Iniciais.

ABSTRACT
This study analyzed the contribution of Physical Education, through cooperative games, to the socialization of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the early grades of elementary school in the municipality of Nova Olinda do Norte – AM. The results demonstrate that the inclusion of these students is already a reality in the schools investigated, highlighting the need for pedagogical practices that guarantee not only access but also effective participation in the school environment. It was found that cooperative games are frequently used by Physical Education teachers, being recognized as a strategy with inclusive potential. These practices favor social interaction, the development of communication, teamwork, and the strengthening of self-confidence in students with ASD, contributing significantly to their socialization. In this context, Physical Education stands out as a relevant space for the development of socio-emotional skills. However, the research also identified challenges, such as the need for greater systematization in the use of cooperative games, the lack of specific continuing education for teachers, and the structural limitations of schools, especially in the interior regions of the Amazon. It was also observed that the adaptation of activities does not always occur continuously, which can compromise the effectiveness of inclusive practices. The fundamental role of the teacher as a mediator, responsible for planning, adapting, and conducting activities, ensuring the participation of all, is highlighted. It is concluded that cooperative games are a relevant strategy for inclusion, whose effectiveness depends on pedagogical planning, teacher training, and a collective commitment to a more inclusive education.

Keywords: Physical Education. Cooperative Games. Autism Spectrum Disorder. School Inclusion. Socialization. Early Grades.

RESUMEN
Este estudio analizó la contribución de la Educación Física, a través de juegos cooperativos, a la socialización de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en los primeros grados de primaria en el municipio de Nova Olinda do Norte – AM. Los resultados demuestran que la inclusión de estos estudiantes ya es una realidad en las escuelas investigadas, lo que subraya la necesidad de prácticas pedagógicas que garanticen no solo el acceso, sino también la participación efectiva en el entorno escolar. Se constató que los docentes de Educación Física utilizan frecuentemente juegos cooperativos, reconociéndolos como una estrategia con potencial inclusivo. Estas prácticas favorecen la interacción social, el desarrollo de la comunicación, el trabajo en equipo y el fortalecimiento de la autoconfianza en estudiantes con TEA, contribuyendo significativamente a su socialización. En este contexto, la Educación Física se destaca como un espacio relevante para el desarrollo de habilidades socioemocionales. Sin embargo, la investigación también identificó desafíos, como la necesidad de una mayor sistematización en el uso de juegos cooperativos, la falta de formación continua específica para docentes y las limitaciones estructurales de las escuelas, especialmente en las regiones del interior de la Amazonía. También se observó que la adaptación de las actividades no siempre se produce de forma continua, lo que puede comprometer la eficacia de las prácticas inclusivas. Se destaca el papel fundamental del docente como mediador, responsable de planificar, adaptar y dirigir las actividades, asegurando la participación de todos. Se concluye que los juegos cooperativos constituyen una estrategia relevante para la inclusión, cuya eficacia depende de la planificación pedagógica, la formación docente y un compromiso colectivo con una educación más inclusiva.

Palabras clave: Educación Física. Juegos Cooperativos. Trastorno del Espectro Autista. Inclusión Escolar. Socialización. Educación Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação inclusiva vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões educacionais, sendo reconhecida como um direito de todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais. No Brasil, esse avanço é fortalecido por políticas públicas e legislações que não se limitam apenas a garantir o acesso à escola, mas também buscam assegurar a permanência e o desenvolvimento pleno dos alunos no ambiente escolar. Nesse cenário, chama atenção o aumento da presença de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares, o que exige das instituições e dos profissionais da educação novas formas de ensinar e de incluir.

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento que impacta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento. Essas características podem tornar o cotidiano escolar mais desafiador, especialmente em situações que envolvem interação constante com os colegas. Conforme aponta a literatura especializada:

> O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que compromete significativamente a capacidade de comunicação social e de estabelecimento de relações interpessoais, exigindo intervenções pedagógicas específicas e planejadas (SANTOS, 2019, p. 41).

Diante disso, torna-se essencial que a escola se adapte para acolher esses alunos de forma efetiva, indo além da simples matrícula. A inclusão escolar envolve criar condições reais para que todos possam aprender, participar e se desenvolver, respeitando suas particularidades.

Como destaca Mantoan (2003):

> Incluir é compreender que todos os alunos têm potencial para aprender, desde que lhes sejam oferecidas condições adequadas. A escola inclusiva rompe com padrões homogêneos e valoriza as diferenças como elemento enriquecedor do processo educativo.

Nesse contexto, a Educação Física assume um papel importante dentro da escola, pois proporciona experiências corporais que favorecem a convivência, a cooperação e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Por meio de atividades lúdicas e do movimento, os estudantes podem vivenciar situações que estimulam o respeito e a construção de vínculos.

No entanto, é preciso reconhecer que práticas ainda muito baseadas na competição podem dificultar a participação de alunos com TEA, já que nem sempre consideram suas especificidades na compreensão de regras e na interação social. Por isso, torna-se necessário repensar essas práticas e buscar alternativas mais inclusivas. Nesse sentido, os jogos cooperativos surgem como uma estratégia pedagógica bastante eficaz, pois priorizam a colaboração em vez da competição. Segundo Orlick (1989):

Os jogos cooperativos são atividades em que os participantes trabalham juntos para atingir objetivos comuns, promovendo a inclusão, o respeito e a valorização de cada indivíduo dentro do

grupo. Essa abordagem contribui para a criação de um ambiente mais acolhedor, no qual todos os alunos conseguem participar de forma mais ativa. Para os estudantes com TEA, essas atividades podem ser uma oportunidade importante de desenvolver habilidades sociais de maneira gradual e mediada, favorecendo sua interação com o grupo.

Além disso, estudos apontam que:

> A utilização de jogos cooperativos na Educação Física escolar contribui para o desenvolvimento de competências sociais, como empatia, comunicação e trabalho em equipe, sendo especialmente benéfica para alunos com dificuldades de interação social" FERREIRA; COSTA, 2020, p. 89).

Outro ponto fundamental nesse processo é o papel do professor como mediador. É ele quem organiza, adapta e conduz as atividades de forma a garantir a participação de todos os alunos, respeitando suas individualidades e promovendo experiências significativas de aprendizagem. Nesse sentido, destaca-se:

> O professor deve atuar como facilitador do processo de inclusão, criando estratégias que possibilitem a participação ativa dos alunos com TEA, adaptando as atividades e promovendo interações significativas (OLIVEIRA; SOUZA, 2021, p. 102).

Nas séries iniciais, essa mediação se torna ainda mais importante, já que é nessa fase que as crianças estão desenvolvendo suas primeiras habilidades de convivência e socialização. A inserção de práticas cooperativas desde cedo pode contribuir para a formação de atitudes mais inclusivas, que ultrapassam o espaço escolar.

No contexto de Nova Olinda do Norte - AM, essa discussão ganha ainda mais relevância, considerando as particularidades da região e os desafios enfrentados pelas escolas, como limitações de recursos, formação docente e acesso a materiais pedagógicos. Esses fatores reforçam a necessidade de estratégias que dialoguem com a realidade local. Dessa forma, a presente pesquisa busca analisar como a Educação Física pode contribuir para a socialização de alunos com TEA por meio da mediação de jogos cooperativos, considerando o contexto das séries iniciais em Nova Olinda do Norte - AM.

A relevância deste estudo está em contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas, oferecendo reflexões e possibilidades de intervenção para professores de Educação Física em contextos inclusivos. Além disso, busca ampliar o debate sobre o potencial dos jogos cooperativos como ferramenta de inclusão e desenvolvimento social. Vale ressaltar que a inclusão escolar não acontece de forma automática, mas sim como um processo contínuo que envolve toda a comunidade escolar. Como afirma a literatura:

A construção de uma escola inclusiva depende da transformação das práticas pedagógicas, da formação dos professores e do reconhecimento da diversidade como valor fundamental da educação

(MANTOAN, 2003, p. 28).

Assim, a Educação Física pode contribuir de maneira significativa para a construção de um ambiente escolar mais humano, democrático e inclusivo, especialmente quando utiliza práticas cooperativas que favorecem a interação e o respeito às diferenças.

Além disso, é importante considerar que:

> A socialização de alunos com TEA não ocorre de forma espontânea, sendo necessária a intervenção planejada do professor, que deve criar oportunidades de interação e utilizar estratégias adequadas (SILVA, 2020, p. 56).

Dessa forma, os jogos cooperativos se apresentam como uma estratégia pedagógica promissora, capaz de favorecer a inclusão e o desenvolvimento social de alunos com TEA nas séries iniciais.

Portanto, este estudo busca contribuir para a compreensão e fortalecimento das práticas pedagógicas inclusivas na Educação Física, destacando o papel dos jogos cooperativos na promoção da socialização de alunos com TEA. Espera-se que as reflexões apresentadas possam auxiliar professores e gestores na construção de práticas mais inclusivas, colaborativas e significativas no ambiente escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

A educação física escolar, quando orientada por princípio inclusivo, pode ser construída como um espaço privilegiado para o desenvolvimento social de aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, os jogos cooperativos destacam-se como uma estratégia pedagógica capaz de oferecer a interação, a participação e o sentido de pertencimento desses estudantes. Diferentemente da prática cooperativa tradicionais, que muitas vezes reforçam desigualdade, os jogos cooperativos promovem a colaboração, o respeito mútuo e a construção coletiva de objetivos.

No contexto das séries iniciais, essa abordagem torna-se ainda mais relevante, pois é nessa fase que as crianças estão em processo de construção de habilidades sociais básica ponto ao participar da atividade que valoriza o trabalho em equipe, os alunos com TEA tem a oportunidade de desenvolver, de forma gradual, competências como comunicação, empatia e interação social sempre com o suporte e a mediação do professor.

Além disso, a adaptação das atividades, considerando as necessidades específicas de cada aluno, contribui para uma prática pedagógica mais acessível e significativa. Dessa forma, a educação física, aliada aos jogos cooperativos, não apenas estimula o desenvolvimento motor, mas também fortalece a inclusão e a convivência harmoniosa no ambiente

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem metodológica de natureza mista, integrando procedimentos quantitativos e qualitativos, com vistas à compreensão ampliada da contribuição da Educação Física, por meio dos jogos cooperativos, para a socialização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas séries iniciais do ensino fundamental. Tal opção metodológica fundamenta-se na necessidade de articular dados objetivos, obtidos por meio de questões fechadas, com percepções subjetivas dos participantes, oriundas das questões abertas, configurando o delineamento de método misto (CRESWELL, 2010).

No que se refere aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva e exploratória, uma vez que busca identificar, descrever e analisar práticas e percepções relacionadas ao uso de jogos cooperativos, além de investigar um fenômeno ainda pouco sistematizado no contexto local (GIL, 2008). Quanto aos procedimentos técnicos, adotou-se o levantamento de dados, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado direcionado a professores de Educação Física das séries iniciais, procedimento amplamente empregado em investigações de caráter social (MARCONI; LAKATOS, 2017).

O estudo foi desenvolvido no município de Nova Olinda do Norte, no estado do Amazonas, abrangendo instituições das redes municipal e estadual de ensino. A delimitação espacial justifica-se pela relevância do contexto educacional regional e pela necessidade de análise de práticas inclusivas em cenários que podem apresentar desafios estruturais e pedagógicos significativos.

As instituições participantes foram selecionadas a partir dos critérios de oferta das séries iniciais e da presença de professores de Educação Física em atuação. Compuseram o campo de pesquisa as seguintes escolas: Escola Municipal Lírio do Vale (sede e anexo), CMMNON I Lami da Silva Vinhote, CMMNON II Maria de Fátima Pacheco, Escola Estadual Maria Araújo Sales e Escola Estadual Engenheiro Abílio Nery. A diversidade institucional contribuiu para a ampliação da abrangência analítica do estudo.

Os participantes foram constituídos por professores de Educação Física vinculados às instituições selecionadas. A amostragem foi do tipo intencional, considerando critérios como atuação nas séries iniciais, experiência com alunos com TEA e disponibilidade para participação na pesquisa. Ressalta-se que a participação ocorreu de forma voluntária, sendo garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados, em conformidade com os princípios éticos que regem pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2016).

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado composto por dez questões, contemplando dimensões objetivas e subjetivas da prática docente, o que possibilitou a integração entre abordagens quantitativas e qualitativas (MARCONI; LAKATOS, 2017). As questões fechadas abrangeram variáveis como a presença de alunos com TEA, a utilização de jogos cooperativos, a

percepção de sua eficácia, o desenvolvimento de habilidades sociais, a realização de adaptações pedagógicas e o nível de preparo docente, permitindo análise estatística descritiva.

As questões abertas, por sua vez, permitiram a expressão das percepções dos participantes acerca das dificuldades de socialização, estratégias de adaptação, processos de mediação pedagógica e contribuições dos jogos cooperativos, constituindo-se como elemento fundamental para a compreensão aprofundada do fenômeno investigado.

A coleta de dados foi realizada presencialmente nas unidades escolares, em horários previamente agendados com os participantes. Inicialmente, foram apresentados os objetivos da pesquisa e, na sequência, os questionários foram aplicados individualmente, sem interferência do pesquisador, visando assegurar a fidedignidade das respostas obtidas.

Os dados quantitativos foram organizados em tabelas e analisados por meio de estatística descritiva simples, com apresentação de frequências absolutas e relativas. Os dados qualitativos, por sua vez, foram submetidos à análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), permitindo a interpretação sistemática e aprofundada das informações textuais.

O processo analítico envolveu leitura flutuante das respostas, seguida da identificação de categorias temáticas, tais como: dificuldades de interação social, barreiras na comunicação, necessidade de adaptação pedagógica, mediação docente e benefícios dos jogos cooperativos. Posteriormente, tais categorias foram interpretadas à luz do referencial teórico adotado.

No que se refere aos aspectos éticos, todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa, assegurando-se a participação voluntária, o anonimato, a confidencialidade das informações e a utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos (BRASIL, 2016).

Embora o estudo apresente rigor metodológico, reconhecem-se limitações relacionadas ao número reduzido de participantes, à delimitação geográfica e à subjetividade inerente às respostas obtidas. Ainda assim, a metodologia adotada mostrou-se adequada aos objetivos propostos, permitindo uma análise consistente das práticas pedagógicas voltadas à inclusão de alunos com TEA por meio dos jogos cooperativos.

2.2 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram organizados a partir das respostas obtidas no questionário aplicado a seis professores de Educação Física que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental no município de Nova Olinda do Norte (AM). A análise contempla tanto os dados quantitativos, apresentados em forma de gráficos de barras, quanto os dados qualitativos, interpretados por meio da análise de conteúdo.

A discussão dos resultados está fundamentada na literatura da área, especialmente nos estudos

sobre inclusão escolar, Educação Física adaptada e jogos cooperativos como ferramenta pedagógica de socialização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Tabela 1 – Presença de alunos com TEA nas turmas (Q1)

Resposta	**Frequência**	**Percentual**
Sim	6	100%
Não	0	0%

Fonte: Autores.

Os resultados evidenciam que a inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares investigadas é uma realidade consolidada. Esse dado está em consonância com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a qual determina o acesso e permanência desses estudantes no ensino regular.

Tabela 2 – Frequência de uso de jogos cooperativos (Q2)

Frequência	**Professores**	**Percentual**
Sempre	1	16,7%
Frequentemente	5	83,3%
Às vezes	0	0%
Raramente	0	0%
Nunca	0	0%

Fonte: Autores.

Constatou-se que cinco professores utilizam jogos cooperativos frequentemente e um professor afirma utilizá-los sempre. Esses resultados demonstram que essa metodologia já integra a prática pedagógica da maioria dos docentes investigados. Segundo Brotto (2001), os jogos cooperativos favorecem a inclusão ao priorizar a colaboração em detrimento da competição, contribuindo para a participação de todos os alunos.

Tabela 3 – Percepção sobre contribuição dos jogos cooperativos (Q3)

Opinião	Frequência	Percentual
Sim, muito	2	33,3%
Sim, parcialmente	4	66,7%
Pouco / Não	0	0%

Fonte: Autores.

A maioria dos professores (quatro) considera que os jogos cooperativos contribuem parcialmente para a participação de alunos com TEA, enquanto dois afirmam contribuição significativa. Isso indica reconhecimento positivo da estratégia, embora ainda existem desafios para sua plena efetividade. De acordo com Mantoan (2003), a inclusão escolar requer adaptações constantes e múltiplas estratégias pedagógicas, não sendo possível depender de um único recurso metodológico.

Tabela 4 – Melhora na interação de alunos com TEA (Q5)

Opinião	Frequência	Percentual
Sim, significativa	6	100%
Moderada / pouca / nenhuma	0	0%

Fonte: Autores.

Todos os professores afirmaram perceber melhora significativa na interação social dos alunos com TEA durante a realização de jogos cooperativos. Esse resultado reforça a relevância da interação social no processo de desenvolvimento humano, conforme Vygotsky (1998), que destaca a importância das relações sociais na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo.

Tabela 5 – Habilidades sociais desenvolvidas (Q6 – múltipla escolha)

Habilidade	**Frequência de respostas**
Comunicação	4
Trabalho em equipe	4
Respeito às regras	1
Empatia	2
Autoconfiança	4

Fonte: Autores.

Os dados indicam predominância das habilidades de comunicação, trabalho em equipe e autoconfiança. Esses elementos são fundamentais para a inclusão escolar, uma vez que favorecem a interação e o sentimento de pertencimento. A empatia e o respeito às regras também foram mencionados, embora em menor frequência, indicando desenvolvimento progressivo dessas competências sociais.

Tabela 6 – Adaptação de atividades (Q7)

Frequência de adaptação	**Professores**	**Percentual**
Sempre	3	50%
Às vezes	2	33,3%
Raramente	1	16,7%
Nunca	0	0%

Fonte: Autores.

Verificou-se que todos os professores realizam adaptações nas atividades, embora em diferentes níveis de frequência. Esse dado revela esforço docente em promover inclusão, porém também evidencia a necessidade de maior sistematização dessas práticas. Segundo Sassaki (2006), a inclusão efetiva exige adaptações curriculares e metodológicas que garantam o acesso equitativo ao conhecimento.

Tabela 7 – Preparação para inclusão (Q9)

Resposta	Frequência	Percentual
Sim	4	66,7%
Parcialmente	2	33,3%
Não	0	0%

Fonte: Autores.

O papel docente é central no sucesso dos jogos cooperativos. O professor não apenas conduz a atividade, mas transforma o jogo em um espaço de aprendizagem social. Isso está alinhado com a perspectiva de Educação Física inclusiva, na qual o professor atua como mediador do desenvolvimento social.

2.2.1 Análise qualitativa

- **Presença do TEA e implicações para a prática docente**

Os dados evidenciam que 100% dos professores possuem alunos com TEA, o que confirma a realidade crescente da inclusão escolar nas redes municipal e estadual. Esse dado reforça a necessidade de formação docente continuada e de práticas pedagógicas inclusivas estruturadas, especialmente na área da Educação Física, onde a interação corporal e social é central.

A presença universal de alunos com TEA também demonstra que a inclusão não é mais uma exceção, mas uma condição cotidiana do ambiente escolar, exigindo que o professor desenvolva estratégias adaptativas para atender diferentes níveis de suporte.

- **Uso de jogos cooperativos como prática pedagógica**

Os resultados indicam que 83,3% dos professores utilizam jogos cooperativos frequentemente, e 16,7% sempre utilizam. Esse dado revela uma forte incorporação dessa metodologia nas aulas de Educação Física.

Do ponto de vista teórico, os jogos cooperativos são compreendidos como estratégias que promovem interação, empatia, colaboração e redução da competitividade, fatores fundamentais para alunos com TEA, que frequentemente apresentam dificuldades na comunicação social e na interação com pares.

A predominância do uso frequente sugere que os professores reconhecem o potencial pedagógico dessas práticas, ainda que possam não as aplicar de forma sistematizada ou planejada com base em referenciais teóricos específicos.

- **Percepção sobre a contribuição dos jogos cooperativos**

A maioria dos professores (66,7%) entende que os jogos cooperativos contribuem de forma parcial

ISSN: 2318-1494

para a socialização de alunos com TEA, enquanto 33,3% consideram essa contribuição muito significativa. Apesar da avaliação positiva, ainda são percebidas algumas limitações, relacionadas à diversidade dos casos de TEA, à falta de formação específica, às dificuldades estruturais das escolas e à necessidade de maior adaptação das atividades. Mesmo assim, nenhum professor afirmou ausência de contribuição, reforçando a importância dessa metodologia.

- **Interação social dos alunos com TEA**

Todos os professores (100%) afirmaram que os jogos cooperativos promovem melhora significativa na interação social dos alunos com TEA. Esse resultado é um dos mais expressivos do estudo, indicando consenso entre os participantes. A literatura aponta que atividades cooperativas favorecem: aproximação entre pares; redução de isolamento social; aumento da participação ativa; desenvolvimento de vínculos afetivos. Assim, observa-se que a Educação Física, quando mediada por jogos cooperativos, torna-se um espaço privilegiado de socialização e inclusão.

- **Habilidades sociais desenvolvidas**

As habilidades mais citadas foram comunicação, trabalho em equipe e autoconfiança, seguidas por empatia e respeito às regras. Esse resultado evidencia que os jogos cooperativos não atuam apenas no aspecto motor, mas principalmente no desenvolvimento socioemocional, especialmente importante para alunos com TEA. A baixa frequência do item "respeito às regras" pode indicar que, em alguns casos, as regras precisam ser flexibilizadas para garantir participação, o que é coerente com práticas inclusivas.

- **Adaptação pedagógica**

Metade dos professores afirma realizar adaptações sempre, enquanto a outra metade o faz de forma ocasional ou rara. Esse dado revela uma realidade heterogênea: embora exista consciência da necessidade de adaptação, nem todos os docentes possuem condições ou formação para realizá-la de forma contínua.

As adaptações citadas nas respostas abertas incluem: simplificação de regras; explicações mais claras; apoio individual; mediação constante do professor. Isso demonstra esforço docente em garantir participação, mesmo com limitações estruturais.

- **Papel da mediação docente**

As respostas qualitativas indicam que o professor desempenha um papel central no processo de inclusão durante os jogos cooperativos. Ele atua como mediador de conflitos, organizador das atividades e facilitador da participação de todos os alunos, garantindo que ninguém fique excluído. Além disso, o professor incentiva o envolvimento dos estudantes e promove valores essenciais como cooperação e empatia. Essa mediação é fundamental para que o jogo tenha um

ISSN: 2318-1494

caráter educativo, contribuindo de forma significativa para o aprendizado e a socialização. Sem essa intervenção pedagógica, os jogos cooperativos podem perder seu sentido formativo e se limitar apenas a atividades recreativas.

- **Preparação docente para inclusão**

Os dados mostram que: 66,7% dos professores se sentem preparados; 33,3% se sentem parcialmente preparados e nenhum professor declarou não estar preparado. Esse resultado é positivo, mas também revela que 1/3 dos docentes ainda não se sente totalmente preparado, indicando necessidade de formação continuada específica em Educação Especial e Educação Física inclusiva.

- **Percepções sobre a contribuição dos jogos cooperativos**

As respostas abertas dos professores apontam quatro aspectos principais sobre os jogos cooperativos na inclusão de alunos com TEA. Em primeiro lugar, destacam a inclusão e o sentimento de pertencimento, já que os estudantes passam a se sentir parte do grupo e mais participativos. Em segundo, observa-se o desenvolvimento emocional, com melhorias na autoestima, autoconfiança e no controle das emoções. O terceiro aspecto é a socialização, pois os jogos facilitam a interação entre alunos com e sem TEA. Por fim, ressalta-se a criação de um ambiente mais acolhedor, seguro, colaborativo e menos competitivo, favorecendo a aprendizagem e a convivência escolar.

2.3 DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa mostram que os jogos cooperativos têm um papel importante na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física. De modo geral, essa estratégia já faz parte da prática dos professores e está alinhada com os princípios da educação inclusiva, que valorizam a participação de todos os estudantes. Um ponto relevante é que todos os professores participantes possuem alunos com TEA, o que reforça que a inclusão escolar já é uma realidade consolidada no contexto investigado. Isso exige um planejamento pedagógico mais atento à diversidade e às necessidades individuais dos alunos.

Apesar do uso frequente dos jogos cooperativos, muitos professores ainda consideram seus efeitos apenas parciais. Essa percepção está relacionada a dificuldades como falta de formação específica, necessidade de capacitação continuada e limitações estruturais nas escolas. Mesmo assim, há um consenso importante de que essas atividades contribuem para melhorar a interação social dos alunos.

Os dados também mostram avanços no desenvolvimento de habilidades sociais, como comunicação, trabalho em equipe e autoconfiança, aspectos essenciais para a inclusão. No entanto, a adaptação das atividades ainda ocorre de forma irregular, o que indica a necessidade de maior suporte

institucional e formação docente mais consistente. Nesse processo, o papel do professor é central, pois ele atua como mediador e garante a participação dos alunos nas atividades. Sem essa mediação, a proposta inclusiva perde força.

Por fim, observa-se que os jogos cooperativos contribuem para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, menos competitivo e mais colaborativo, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento social dos alunos com TEA.

3 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que forma a Educação Física, por meio dos jogos cooperativos, contribui para a socialização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no município de Nova Olinda do Norte – AM. A intenção foi compreender como essas práticas inclusivas acontecem no cotidiano escolar, além de identificar avanços e dificuldades nesse processo.

Os resultados mostram que a inclusão de alunos com TEA já faz parte da realidade das escolas pesquisadas, uma vez que todos os professores afirmaram atuar com esse público. Isso evidencia que a presença desses estudantes não é algo pontual, mas constante, exigindo da escola uma postura mais preparada para lidar com a diversidade, garantindo não só o acesso, mas também a participação efetiva no ambiente escolar. Em relação às práticas pedagógicas, percebe-se que os jogos cooperativos são bastante utilizados nas aulas de Educação Física. Os professores reconhecem o potencial dessa metodologia para promover inclusão e interação entre os alunos. No entanto, em muitos casos, essas atividades ainda não são aplicadas de forma totalmente planejada ou estruturada, o que pode limitar seus resultados.

De modo geral, os jogos cooperativos se mostram importantes para melhorar a socialização dos alunos com TEA, contribuindo para a comunicação, o trabalho em equipe e o desenvolvimento da autoconfiança. Assim, a Educação Física se destaca como um espaço significativo para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

Apesar disso, ainda existem desafios, como a necessidade de formação continuada dos professores, melhores adaptações das atividades e limitações estruturais das escolas. Nesse cenário, o professor assume um papel essencial como mediador do processo inclusivo, organizando e adaptando as atividades conforme as necessidades dos alunos.

Conclui-se que os jogos cooperativos são uma estratégia relevante para a inclusão, mas sua eficácia depende do preparo docente, do planejamento pedagógico e das condições oferecidas pela escola. A inclusão, portanto, precisa ser entendida como um processo contínuo, construído coletivamente no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. ***Análise de conteúdo***. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2016.

CRESWELL, John W. ***Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, L. R.; COSTA, M. A. ***Educação Física e inclusão escolar: práticas pedagógicas*.** São Paulo: Cortez, 2020.

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos e técnicas de pesquisa social*.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. ***Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer***.
São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, P. S.; SOUZA, R. M. ***Educação inclusiva e práticas pedagógicas*.** Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

ORLICK, Terry. ***Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*.** São Paulo: Projeto Cooperação, 1989.

SANTOS, A. P. ***Transtorno do Espectro Autista e educação*.** Curitiba: Appris, 2019. SILVA, J. C. ***Inclusão escolar e diversidade***. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.